

Apresentação

Márcia Strazzacappa, Ana Angélica Albano e Eliana Ayoub*

*Se procurar bem, você acaba encontrando
não a explicação (duvidosa) da vida,
mas a poesia (inexplicável) da vida.
(Carlos Drummond de Andrade)*

Pensar nos lugares do corpo e da arte na vida humana leva-nos, inescapavelmente, aos *entrelugares*, aos desvãos, aos esconderijos onde o inexplicável, poeticamente, também se faz presente... Coloca-nos numa posição onde não estamos nem lá nem cá, desafiando nosso desejo de encontrar um refúgio seguro.

As relações entre corpo e arte são sempre e simultaneamente zonas de aproximação e distanciamento, de claridade e escuridão, de transparência e opacidade, porque entremeadas pelas múltiplas histórias do mundo que as vão entrelaçando, entretecendo, urdindo, enredando, como a cerzideira que vai tramando os fios e magicamente faz desaparecer as costuras que constituem o tecido.

Nesse tecido, a fixidez cede espaço para a mobilidade, para as possibilidades de entrever aquilo que parecia dado, explicado, mas que já não está mais ali, porque foi transformado em outro...

O dossiê que ora apresentamos, *Entrelugares do corpo e da arte*, tem esse desejo de mover-se sinuosamente, de um lado para outro, de baixo para cima, em diagonal; do corpo para a arte, da arte para o corpo; na continuidade e na descontinuidade dos tantos e dos intensos diálogos que os estudos do corpo e da arte vêm realizando já há algum tempo no meio acadêmico, habitando os lugares *entre* as áreas consideradas sérias e produtivas.

Os *entrelugares* deste dossiê estão presentes na origem geográfica dos autores, em suas distintas formações e, sobretudo, nas diversas abordagens e perspectivas apresentadas em seus textos. Educadores, artistas, professores de edu-

* Professoras do Departamento de Educação, Conhecimento, Linguagem e Arte (Delart) e membros do Laboratório de Estudos sobre Arte, Corpo e Educação (Laborarte) da Faculdade de Educação da Unicamp, Campinas, SP, Brasil. marciastrazzacappa@uol.com.br, nanalbano@uol.com.br, eayoub@terra.com.br

cação física, filósofos, arquiteto, terapeuta, médico, cientista social pesquisam, discutem e apresentam conhecimentos produzidos sobre arte e corpo nas interfaces com os campos da educação estética, da linguagem, da filosofia, da medicina e da psicologia, sempre em interlocução com a educação.

“La palabra corporizada”, de Luis Porter, inicia o diálogo proposto neste dossiê, apresentando a ideia de que os conceitos não são meras abstrações descorporificadas, mas, pelo contrário, estão enraizados fisicamente e a capacidade criativa está intimamente relacionada com as formas como o cérebro processa e arquiva a linguagem. Observa que cada indivíduo se utiliza de um determinado número de metáforas que acumulou ao longo da vida e considera “[...] as metáforas como marcas do nosso passado, o DNA, do nosso pensamento”. Acredita que, se integrarmos as descobertas da neurociência com a dimensão artística das metáforas, daremos um passo à frente para estimular um pensamento e uma visão poética da educação.

O artigo seguinte, “O corpo entre a ação e a contemplação na sociedade laboratório”, de Rogério Moura, apresenta diferentes estudos do corpo, oriundos de diversas referências teóricas e práticas, destacando sua relevância para a pesquisa contemporânea em educação e arte. Elegendo Hannah Arendt como sua principal interlocutora, o autor instiga-nos a ocupar um *entrelugar* onde possamos mergulhar na perturbadora combinação entre natureza, sociedade, ciência e tecnologia, na qual nossas experiências éticas e estéticas estão num *continuum* e servem de ponto de equilíbrio entre a ação e a contemplação.

Para falar do corpo em sua dimensão do soma, trazemos dois artigos: “Educação Somática: limites e abrangências”, de José Antonio de Oliveira Lima e “O encontro entre Dança e Educação Somática como uma interface de questionamento epistemológico sobre as teorias do corpo”, de Eloisa Domenici. O primeiro apresenta as tensões entre as áreas de educação, saúde e arte, ao questionar até onde vão o educativo e o terapêutico na prática da educação somática; quais os limites de atuação dos que se denominam “educadores somáticos” e dos profissionais que disputam esta educação como campo de trabalho. O segundo artigo aprofunda o aspecto da criação em dança como um dos eixos desse campo do conhecimento, partindo da hipótese de que essa zona híbrida entre arte e ciência vem desestabilizando concepções importantes, tais como memória, cognição, movimento, hábito, natureza, cultura, entre outros, produzindo importantes subsídios na direção de novas epistemologias sobre o corpo.

O texto de Terezinha Petrucia da Nóbrega, intitulado “Corpo, gestos e expressão: notas sobre uma ontologia sensível em Merleau-Ponty”, convoca-nos para um encontro com a filosofia de Merleau-Ponty ao propor uma discussão sobre corpo e estética com base em suas ideias, as quais abrem diversas possibi-

lidades para pensar a arte e a filosofia e, em sentido mais amplo, para pensar a existência, a contingência e a liberdade do corpo.

Em “Dança, corpo e desenho: arte como sensação”, Carlos José Martins convida-nos a continuar o diálogo com a filosofia, agora com reflexões ancoradas no filósofo francês Gilles Deleuze, propondo uma discussão sobre o estatuto do corpo e do movimento na arte a partir da noção de sensação, tal como é empregada no pensamento deleuziano. Para tal, incita-nos a mergulhar na relação entre dança e desenho, levando-nos a questionar que acontecimentos singulares podem surgir de um encontro entre as obras de um artista plástico (Hector Carybé) e um dos mais emblemáticos bailarinos clássicos (Rudolf Nureyev), que sensações inusitadas podem emergir quando se entrecruzam meios artísticos que se expressam diferentemente.

Os últimos textos do dossiê aproximam arte e psicologia junguiana, cada um focalizando um aspecto da relação entre o sujeito e a obra de arte. O primeiro aborda a atitude necessária à recepção; e o segundo, a disposição para a criação.

Os encontros de Jung com a arte foram uma maneira peculiar de entrar em contato com o inconsciente, o que favoreceu a revisão e a renovação do seu próprio pensamento. Christian Gaillard, no artigo “Jung et les arts”, propõe que, diante de uma obra de arte, a atitude junguiana seja fazer uma pausa, tão longa quanto necessária, para deixar emergir tudo quanto precisa ser descoberto, abrindo a percepção e a consciência para que as impressões, as sensações, e os sentimentos venham, gradualmente, à superfície. O uso do termo religião, como Jung o compreendia, como *relegere*, como reler, observar atentamente, ver, rever e pensar, leva-nos a pensar sobre a importância de dedicar um tempo mais vagaroso à apreciação de uma obra de arte, como um tempo de contemplação, de possibilidade de produção de conhecimento e recriação de si mesmo. Suas considerações provocam um confronto, inevitável, com a velocidade da produção cultural contemporânea e com a rapidez com que nos relacionamos com essa produção.

“Com a cabeça nas nuvens”, de Roberto Gambini, transcrição de uma palestra por ele proferida por ocasião do Encontro dos Ex-alunos de Prática de Ensino da Arte da Faculdade de Educação da Unicamp, em outubro de 2008, encerra o dossiê, propondo uma reflexão sobre o estado de consciência necessário à criação. Um estado de consciência, que Gambini chamou de “nuvem”, não condicionado pelos clichês culturais que nos impelem a expressar uma captação subversiva do real, lembrando-nos, ainda, de que

[...] toda sociedade precisa de artistas, porque periodicamente ela precisa ser renovada. [...] Em nossos atuais tempos de crise,

é mais do que urgente que todo aquele capaz de acessar esse reservatório humano de renovação, seja pela via da arte, da reflexão, da palavra, traga para a tona um olhar novo sobre as mazelas do mundo em que vivemos. Nossa época precisa de declarações de idéias novas, de reversão de valores.

Esperamos que os leitores e as leitoras usufruam das reflexões aqui compartilhadas e que estas, oriundas de uma fecunda hibridação de campos de conhecimento, possam iluminar as pesquisas e as práticas que estão acontecendo nos espaços *entre*, sem a intenção de chegar a conclusões definitivas, mas de partilhar, com o poeta, *a inexplicável poesia da vida*.